

# Editorial

---

In: *Reverso* – Belo Horizonte, 44, 83, p, 9, jun. 2022

*...E assim vedes, meu Irmão, que as verdades  
que vos foram dadas no Grau de Neófito, e  
aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto  
Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.*

FERNANDO PESSOA

Abrimos a *Reverso* dando continuidade à homenagem póstuma a nossa querida e sempre lembrada colega do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, a psiquiatra e psicanalista Isabela Santoro Campanário, falecida em maio de 2021, vítima da covid-19, e mãe de André e Antônio. Na edição atual, publicamos o texto inédito – *Você não sabe nem como faz uma menina?* – resultado de um atendimento clínico.

A questão da verdade é um dos aspectos mais polêmicos na psicanálise. Freud interessou-se tanto sobre a verdade da teoria psicanalítica, isto é, pela validade da psicanálise, quanto pela verdade do sujeito como elemento transformador no trabalho analítico. Uma modificação psíquica só pode ser empreendida quando a verdade do sujeito é alcançada. Entretanto, que realidade sustenta a verdade do sujeito: a factual ou a psíquica? E a verdade construída a partir daí? É histórica ou material? Ainda que, em um primeiro momento, Freud procurasse a verdade material, apoiada na realidade dos fatos, aos poucos, ele é levado a abandonar a verdade material em prol da realidade psíquica. A fantasia passa a ser igualada à realidade material em detrimento da concretude da cena, fazendo com que, no mundo das neuroses, “a realidade psíquica é a realidade decisiva” (FREUD, 1917). Porém, o peso da realidade material nunca é, de fato, abandonado: a humanidade guarda seu “acervo filogenético” através do qual nos conectamos “com a experiência primeva naqueles pontos nos quais [nossa] própria experiência foi demasiado rudimentar” (FREUD, 1917).

Fazem parte da verdade histórica, que Freud procura no tratamento analítico, os eventos da realidade material acrescidos das defesas contra os desejos presentes na construção dessa realidade: a verdade individual do sujeito produz o mito individual do neurótico. Não por acaso “a verdade tem, por assim dizer, uma estrutura de ficção” (LACAN, 1956-1957).

Ao procurarmos a verdade, jamais alcançamos a Verdade última, isto é, o Real do mito: o antes, quando não havia nem falta e, por conseguinte, nem sujeito. Estamos no espaço virtual do inconsciente no qual, tal como Don Quixote, deambulamos no universo de Erasmo onde qualquer verdade é suspeita, e tudo banha na incerteza.

Mobilizados pela “teorização flutuante”, como escreve Piera Aulagnier, tentamos dar sentido ao que escutamos e teorizar aquilo que não pode ser simbolizado.

A *Reverso* n. 83 mostra as incidências simbólicas das inúmeras tentativas de aproximação da verdade, seja na perspectiva teórica, seja na perspectiva clínica.

**Paulo Roberto Ceccarelli**